



Pragmática da comunicação humana: revisitando um clássico

Cristine Gorski Severo^{1,*} 

1. Universidade Federal de Santa Catarina  – Florianópolis (SC), Brasil.

*Autora correspondente: crisgorski@gmail.com

Editora de seção: Eliane Pelles Machado Amorim 

Recebido: 27 Maio 2025 Aceito: 26 Ago. 2025

RESUMO

O artigo revisita *Pragmática da comunicação humana*, de Paul Watzlawick et al. (1967), obra fundamental na teoria relacional sistêmica, por dois olhares: revisões recentes de Janet Bavelas (2021; 2022) sobre a obra; e estudos contemporâneos do campo linguístico. Ao levar em conta o diálogo com os estudos linguísticos, o artigo aproxima duas áreas — psicologia clínica e linguística —, a fim de expandir os conceitos de comunicação humana. A releitura feita por Bavelas (2021; 2022), fundamentada em estudos contemporâneos da linguística, sinaliza para a importância de se considerar a multifuncionalidade, a multimodalidade e a ambigüidade como pilares das interações humanas, incluindo no contexto clínico.

Palavras-chave: Comunicação humana, Teoria relacional sistêmica, Linguística, Clínica psicoterapêutica.

Pragmatics of Human Communication: revisiting a classic study

ABSTRACT

The article revisits *Pragmatics of Human Communication*, by Paul Watzlawick et al. (1967), a foundational work in systemic-relational theory, through two perspectives: recent reviews by Janet Bavelas (2021; 2022) on the book, and contemporary studies in the field of pragmatics. By engaging with linguistic studies, the article bridges two areas—clinical psychology and linguistics—to expand the concepts of human communication. Bavelas's reinterpretation (2021; 2022), based on contemporary pragmatic studies, underscores the importance of considering multifunctionality, multimodality, and ambiguity as pillars of human interactions, including in clinical contexts.

Keywords: Human communication, Systemic relational theory, Linguistics, Psychotherapeutic clinic.

Pragmática de la comunicación humana: revisitando un clásico

Resumen

El artículo revisita *Pragmática de la Comunicación Humana* (1967), de Watzlawick, Bavelas y Jackson, una obra fundamental en la teoría relacional sistémica, desde dos enfoques: revisiones recientes de Janet Bavelas (2021; 2022) sobre la obra Pragmática; y estudios contemporáneos del campo lingüístico de la Pragmática. Al considerar un diálogo con los estudios lingüísticos, el artículo acerca dos áreas—psicología clínica y lingüística—con el fin de expandir los conceptos de comunicación humana. La reinterpretación realizada por Bavelas (2021; 2022), en diálogo con estudios contemporáneos de la Pragmática, señala la importancia de considerar la multifuncionalidad, la multimodalidad y la ambigüedad como pilares de las interacciones humanas, incluso en el contexto clínico.

Palabras clave: Comunicación humana, Teoría relacional sistémica, Lingüística, Clínica psicoterapêutica.

INTRODUÇÃO

Este artigo objetiva revisitar a obra *Pragmática da comunicação humana*, escrita por Paul Watzlawick (1921–2007), Janet Beavin Bavelas (1940–2022) e Don D. Jackson (1920–1968) e publicada em 1967. A revisitação desse livro passa por dois gestos de análise: um que retoma dois textos recentes de Janet Bavelas (2021; 2022), em que a autora reavalia a obra original, propondo novos ajustes; e outro que dialoga com estudos contemporâneos da área da linguística. Como pano de fundo histórico, contextualizam-se as condições de produção da obra, com enfoque em duas áreas — a clínica, sobre padrões comunicacionais, e a linguística, de estudo de padrões de linguagem. A originalidade deste artigo está em alinhar reflexões clínicas postas em *Pragmática da comunicação humana* com o campo de estudos linguísticos, evidenciando possibilidades de diálogo entre ambos. Defende-se, com base em reflexões contemporâneas, o papel da multimodalidade, da multifuncionalidade e da ambiguidade como elementos centrais nas práticas comunicativas humanas, o que deve ser levado em conta na dimensão clínica.

Sobre a obra *Pragmática da comunicação humana*, o trabalho de Watzlawick, Bavelas e Jackson tornou-se um pilar importante da teoria relacional sistêmica, sendo amplamente referendado. A título de exemplo, uma simples busca nas citações do Google Acadêmico revela em torno de 10.800 resultados em língua inglesa e 1.450 resultados em língua portuguesa, o que atesta o impacto desse texto na produção acadêmica especializada.

Acerca do contexto da obra, destaca-se que a década de 1960 foi o período de criação e consolidação do Mental Research Institute (MRI), em Palo Alto, Califórnia, Estados Unidos. Esse contexto clínico e de pesquisa foi marcado por três inovações:

- Estudos e reflexões inovadores sobre famílias, com a emergência da terapia familiar;
- Formação da abordagem de terapia breve, fundamentada na linguagem terapêutica em vez de na psicopatologia;
- Análise dos padrões e práticas comunicativas utilizados nas interações (Bavelas, 2021).

Já a respeito dos estudos da linguagem na época de produção da obra *Pragmática*, sobressaem cinco orientações epistemológicas relevantes que se tornaram as bases de abordagens atualmente consolidadas: a perspectiva racionalista-gerativista, de Noam Chomsky (1928–); a antropologia linguística, de Dell Hymes (1927–2009); a sociologia da linguagem, com Joshua Fishman (1926–2015); a pragmática, com Paul Grice (1913–1988); e o funcionalismo, com Roman Jakobson (1896–1982). Com exceção de Grice e Jakobson, as demais subáreas da linguística nasceram no cenário intelectual norte-americano, cujo interesse sobre a dimensão comunicacional da linguagem foi tomando cada vez mais corpo, especialmente após a Segunda Guerra Mundial. Considera-se que esse pano de fundo epistemológico dos estudos da linguagem contribuiu para iluminar o papel desempenhado pela linguagem nas esferas clínica e acadêmica, sobretudo em face da virada linguística no campo das pesquisas interpretativas, como filosofia, psicologia, história, entre outras (Glock; Kalhat, 2008).

O artigo organiza-se da seguinte maneira:

- Apresenta um resgate do texto original, refletindo sobre as suas condições de produção com base nas áreas clínica e linguística;
- Discorre sobre revisões contemporâneas do livro, por meio da revisitação feita por Janet Bavelas (2021; 2022);
- Analisa possíveis contribuições contemporâneas da linguística para a pesquisa e intervenção clínica em terapia relacional sistêmica, com enfoque em três elementos comunicativos: ambiguidade, multifuncionalidade e multimodalidade.

O artigo defende que uma articulação entre os estudos da clínica relacional sistêmica e os estudos linguísticos pode oferecer *insights* relevantes a respeito do papel da linguagem na construção, regulação e transformação das interações e sistemas humanos, ao expandir a compreensão sobre a dinâmica linguística relacional.

PRAGMÁTICA DA COMUNICAÇÃO HUMANA: DAS CONDIÇÕES DE PRODUÇÃO E DOS ESTUDOS DE LINGUAGEM

A obra *Pragmática da comunicação humana: um estudo dos padrões, patologias e paradoxos da interação* foi publicada em inglês com o título *Pragmatics of Human Communication: A Study of Interactional Patterns, Pathologies, and Paradoxes*, em 1967. O texto foi assinado por três autores, Paul Watzlawick, Janet Beavin Bavelas e Don D. Jackson. Registra-se que, no mesmo ano, Watzlawick e Bavelas publicaram uma versão resumida de suas reflexões na revista científica *The American*

Behavioral Scientist, com o título “Alguns aspectos formais da comunicação humana” (em inglês, “Some formal aspects of human communication”) (Del Rio, 2012).

As influências intelectuais sobre a clínica praticada no MRI incluem o trabalho de Gregory Bateson et al. (1956) quanto a uma teoria da esquizofrenia baseada em análises comunicacionais. Esse trabalho explorou a teoria dos tipos lógicos e do duplo vínculo. Ou seja, a esquizofrenia seria um efeito de padrões comunicacionais contraditórios persistentes (Bavelas, 2007). Outros trabalhos clínicos baseados em análises comunicacionais que moldaram a prática do MRI abrangem as obras de Dan Jackson *Comunicação, família e casamento* (1968a) e *Terapia, comunicação e mudança* (1968b) (Bavelas, 2007). Essas reflexões buscaram a construção de uma teoria que assumisse a comunicação e a interação entre os sujeitos como objeto de reflexão, em vez de como fenômeno mental individual.

Paul Watzlawick, de origem austríaca, foi psicólogo e filósofo e atuou no grupo de Palo Alto de 1960 em diante. Com John Weakland (1919–1995) e Richard Fisch (1926–2011), foi criador da orientação clínica de terapia breve (Elias, 2019). Outros trabalhos seus publicados incluem: *A realidade da realidade* (*Reality of Reality*, 1976), *A linguagem da mudança* (*The Language of Change*, 1978) e *A realidade inventada* (*The Invented Reality*, 1981). Entre as influências intelectuais de Watzlawick está Gregory Bateson (1904–1980), autor de mais de 150 artigos e 22 livros, que foram traduzidos para cerca de 80 línguas (Elias, 2019).

A segunda autora do livro, a canadense Janet Bavelas, foi psicóloga, professora universitária, filiada ao MRI e especialista em terapia breve focada em solução e práticas baseadas em evidências. Publicou em torno de 100 artigos em revistas acadêmicas (Pickens, 2019), além dos livros *Personalidade: teoria e pesquisa atuais* (*Personality: Current Theory and Research*, 1978) e *Comunicação ambígua* (*Equivocal Communication*, 1990). Mais recentemente, destacou-se a publicação de *Diálogo face a face: teoria, pesquisa e aplicações* (*Face-to-Face Dialogue: Theory, Research, and Applications*, 2020). Em 2021, Bavelas apresentou, ainda, uma interessante revisão da obra *Pragmática da comunicação humana*, avaliando as mudanças ocorridas no decorrer dos 50 anos desde a sua publicação. Essa revisão será retomada na seção seguinte.

O terceiro autor da obra é Donald Jackson, psiquiatra americano e um dos criadores do MRI, onde desenvolveu, em parceria com uma equipe de profissionais, a área clínica e teórica de terapia familiar. Publicou cerca de 130 artigos e capítulos, além de sete livros, e criou, em 1962, a primeira revista acadêmica do tema, intitulada *Family Process* (Elias, 2019). Suas parcerias incluíram Bateson, Jay Haley (1923–2007), John Weakland (1919–1995) e William Fry (1921–1971), especialmente na construção da teoria do duplo vínculo (*double bind*), da teoria da homeostase da família e da abordagem focada no casal. Destacam-se os livros *Terapia, comunicação e mudança* (*Therapy, communication and change*, 1967) e *Miragens do casamento* (*Mirages of marriage*, 1968).

A obra *Pragmática* foi amplamente traduzida no cenário intelectual internacional, e sua versão em língua portuguesa é de 1973.

Sobre o contexto intelectual dos estudos da linguagem na época de publicação do *Pragmática* nos Estados Unidos, sobressaem cinco perspectivas: uma de base racionalista-cognitiva, representada por Noam Chomsky; outra de orientação antropológica, por Dell Hymes; uma terceira de vertente sociológica cujo expoente foi Joshua Fishman; a pragmática, por Paul Grice; e o funcionalismo, com Roman Jakobson. A seguir, são apresentadas sucintamente essas séries.

Noam Chomsky, no âmbito dos estudos linguísticos, publicou em 1965, entre outros, a obra clássica *Linguística cartesiana*, na qual o autor lança as bases de uma concepção racionalista, abstrata e cognitivista de linguagem, em diálogo com uma linhagem histórica que remonta aos trabalhos de Descartes. A linguagem, nessa perspectiva, seria inata e refletiria uma estrutura mental preexistente característica da espécie humana (Chomsky, 1965). Essa abordagem retrata o oposto de um olhar empírico, comportamental e interacional de linguagem que norteia a *Pragmática da comunicação humana*. Assim, a obra de Watzlawick et al. (1967) ofereceu um olhar antagônico à nascente linguística racionalista e cognitivista da época. Ambas as obras, contudo, se aproximaram na defesa da linguagem como atributo singular da espécie humana.

Diferentemente de Chomsky, Dell Hymes, antropólogo e linguista, voltou-se para a pesquisa da etnografia da comunicação humana, estipulando a noção de competência comunicativa, com enfoque nas práticas comunicativas social e culturalmente situadas. O autor propôs o modelo de fala (*speaking model*), que conta com os seguintes elementos como constitutivos das práticas comunicativas: cenário em que ocorre a comunicação (*setting*); as pessoas participantes da interação (*participants*); o motivo ou a finalidade da comunicação (*ends*); a sequência da interação (*act sequence*); o tom e a entonação utilizados (*key*); o canal utilizado para a comunicação (*instrumentality*); as normas e regras que orientam a interação (*norms*); e o gênero discursivo, ou o modo de comunicação historicamente estabilizado (*genre*) (Hymes, 1967; 1974).

Sobre a vertente sociológica de estudos da linguagem, menciona-se o psicólogo social, linguista e professor Joshua Fishman, de origem judaica e fundador da área de sociologia da linguagem e do periódico *Journal of Sociology*

of *Language*, criado em 1974. Fishman tornou-se referência ao estudar a relação entre língua e identidade étnica, especialmente enfocando o processo de transmissão intergeracional das línguas e dos elementos simbólicos vinculados às identidades, como a língua iídiche nos Estados Unidos, em contextos de comunidades de imigrantes (Severo & Górski, 2023). A respeito da transmissão intergeracional familiar de padrões comunicativos, Fishman (1990, p. 29, tradução livre) afirmou:

*É na família que um vínculo peculiar com a língua e as atividades linguísticas (conversas, jogos, histórias, canções, provérbios e expressões, emoção verbalizada, ritual verbal e brincadeiras verbais) é cultivado, compartilhado e moldado na forma de identidade pessoal e social.*¹

A vertente de estudos da pragmática pode ser ilustrada pelos trabalhos de Paul Grice, pesquisador britânico que trabalhou com filosofia da linguagem e pragmática, tendo sido influenciado pela virada linguística na filosofia, especialmente pelos trabalhos de Wittgenstein (1889–1951). Grice rompeu com a tradição de análise abstrata e lógica das sentenças para incluir o contexto, os participantes e a finalidade discursiva como elementos moldadores da significação (Burge, 2001). No emblemático texto “Lógica e conversação”, publicado em 1975, Grice postulou o chamado *princípio cooperativo da comunicação*, que aborda o empenho dos interlocutores, mesmo que inconscientemente, para contribuir com a comunicação.

A última vertente a ser mencionada, o funcionalismo linguístico, foi posteriormente bastante desenvolvida no contexto acadêmico norte-americano. A título de registro histórico, vale mencionar a obra clássica do pesquisador russo Roman Jakobson intitulada *Linguística e poética* (1960), na qual o autor estipula seis funções da linguagem: referencial, com foco na informação; emotiva, com foco na expressividade do emissor; conativa, com foco no interlocutor; fática, com foco no canal de comunicação; metalinguística, com foco na própria língua; e poética, com foco na dimensão estética da linguagem. Além das funções, a comunicação verbal seria composta dos seguintes elementos: emissor, destinatário, mensagem, contexto, canal e código.

Essa breve contextualização do cenário acadêmico e intelectual da época, no que tange às reflexões sobre a linguagem, ajuda a compreender as condições de produção da obra *Pragmática*. No contexto acadêmico norte-americano dos anos 1960–1970, evidenciou-se um amplo interesse pelos estudos da comunicação, muito em função do impacto da virada cibernética: “Por volta da década de 1940, a rubrica da ‘semântica’ já começava a se tornar ultrapassada, e o novo ‘termo divino’ [...] era ‘comunicação’, um termo que, do fim dos anos 1940 em diante, passou a ser cada vez mais associado ao campo emergente da cibernética”² (McElvenny; Knobloch, 2023, p. 41, tradução livre). Esse cenário intelectual impactou uma série de trabalhos que exploraram diferentes facetas da linguagem na sua vertente interacional.

Na seção seguinte, aborda-se a obra *Pragmática*, em um olhar temporal comparado, considerando sobretudo a revisão feita por uma das autoras da obra, Janet Bavelas. Vale expor, contudo, a observação feita por Bavelas sobre a relação intelectual entre os interesses dela e os de Watzlawick na construção do texto original:

*Paul e eu compartilhávamos um intenso interesse por uma teoria alternativa da comunicação, que foi a direção que escolhemos seguir. No tema da comunicação, nossos interesses eram ao mesmo tempo sobrepostos e complementares, de uma forma feliz. Ele era — e continuou sendo — brilhante e articulado em relação à teoria e à abstração. [...] Mas também era um observador perspicaz, capaz de notar exemplos-chave de fenômenos em sessões de terapia, na vida cotidiana e até mesmo em filmes e peças teatrais. [...] Meus interesses sempre foram mais acadêmicos do que clínicos, mas, como Paul, eu era especialmente atraída pela observação, pela análise minuciosa de interações reais e pela construção de teoria com base nelas*³ (Bavelas, 2007, p. 295, tradução livre).

1. No original: “It is in the family that a peculiar bond with language and language activities (conversation, games, stories, songs, proverbs and felicitous expressions, verbalised emotion, verbal ritual and verbal play) is fostered, shared and fashioned into personal and social identity.”

2. No original: “But by the 1940s, the rubric of ‘semantics’ was already becoming passé and the new ‘God term’—as it was described by Kenneth Burke (1897–1993; see Burke 1984 [1935]: 323)—was ‘communication,’ a term which from the end of the 1940s became increasingly associated with the emerging field of cybernetics.”

3. No original: “Paul and I shared an intense interest in an alternative theory of communication, which was the direction we chose to pursue. Within the topic of communication, our interests were both overlapping and complementary in a fortunate way. He was, and remained, brilliant and articulate about theory and abstraction. [...] But he was also an insightful observer, able to notice key examples of phenomena in therapy sessions, in everyday life, and even in movies and plays. [...] My interests were always more academic than clinical, but, like Paul, I was especially captivated by observation, by closely analysing actual interactions and building theory from them.”

PRAGMÁTICA DA COMUNICAÇÃO HUMANA: ONTEM E HOJE

A obra *Pragmática* (1967) foi dedicada a Gregory Bateson, o que sinaliza para a vinculação teórica da obra com o seu pensamento. O livro é composto de sete capítulos, com os seguintes temas:

- O quadro de referências, com breve apresentação da proposta do livro;
- Alguns axiomas provisórios de comunicação;
- O conceito de comunicação patológica;
- A influência da estrutura da interação na comunicação;
- A apresentação de uma abordagem comunicacional com base na leitura da obra *Quem tem medo de Virginia Woolf?*;
- A comunicação paradoxal e as mensagens contraditórias;
- O paradoxo em psicoterapia.

Por fim, segue um epílogo, no qual os autores e a autora apresentam uma reflexão sobre a abordagem existencialista da comunicação humana. A autoria desses capítulos foi distribuída da seguinte maneira: capítulos 1 e 3 foram conduzidos principalmente por Watzlawick; capítulo 2, por Watzlawick e Bavelas; capítulos 4 e 5, por Janet Bavelas; e capítulos 6 e 7 e o epílogo por Watzlawick, com revisão de Bavelas. Os capítulos contaram com contribuições dos três autores (Bavelas, 2007).

Sobre o quadro de referências (capítulo 1), as seguintes noções são apresentadas: função comunicativa, informação, *feedback*, redundância e metacomunicação. Sobre os axiomas, tem-se:

- Impossibilidade de não se comunicar;
- Os dois níveis da comunicação, conteúdo e relacionamento;
- O papel da pontuação na sequenciação dos eventos;
- As modalidades analógica e digital da comunicação;
- As sequências de interação simétricas e complementares.

Esses elementos serão retomados a seguir, em um olhar comparado entre o texto original e a retomada feita por Bavelas (2021; 2022).

Cinquenta anos após a publicação de *Pragmática*, Bavelas revisitou a obra, em artigo publicado em 2021 no *Journal of Systemic Therapies*. Essa revisitação foi motivada pelo processo de escrita de seu livro *Face to Face Dialogue*, publicado em 2022. Segundo a autora, o foco da obra original era investigar os padrões de uso comunicacionais em contextos de psicoterapia, explorando as psicopatologias, a exemplo da “negação ao diálogo” na esquizofrenia (Watzlawick et al., 1967). Embora Bavelas (2021) tenha reconhecido duas trajetórias teóricas diferentes compartilhadas por ela e Watzlawick — empírica e construtivista, respectivamente —, ela constatou que suas revisões, com base em uma abordagem experimental da comunicação interpessoal, ainda ressoavam a visão inicial dos autores do livro, especialmente quanto à dimensão interacional da comunicação. O interesse aprofundado de Bavelas (2022) no estudo do diálogo face a face contempla, sobretudo, dois aspectos-chave: a natureza recíproca, improvisada e rápida do diálogo; e o uso de gestos e outros recursos (olhares, tom de voz) como elementos partícipes da fala (*co-speech gestures*). Nessa obra, a autora apresentou, ainda, estudos e reflexões robustos de interações comunicativas face a face, atualizando a dimensão ensaística e especulativa da obra inicial, com destaque aos axiomas.

De forma geral, os temas revisados por Bavelas (2021; 2022) incluem: itens do capítulo 1 da *Pragmática* (sobre o quadro de referências), alguns axiomas da *Pragmática* (capítulo 2) e elementos pontuais dos demais capítulos.

Início com a revisão do capítulo 1 da *Pragmática* (Bavelas, 2021). Sobre a abordagem funcional da comunicação, a autora reafirmou essa perspectiva, contestando tipologias e definições prévias e abstratas. A abordagem focada nas funções que os usos comunicacionais e linguísticos desempenham nas relações foi registrada na obra original na seção 1.2 (Watzlawick et al., 1967, p. 28, tradução livre), conforme se lê: “Assim, não são as ‘coisas’, mas as funções que constituem a essência de nossas percepções; e as funções, como vimos, não são magnitudes isoladas, mas ‘signos que representam uma conexão... uma infinidade de possíveis posições de caráter semelhante’⁴. Bavelas (2021) reafirmou que a função de um comportamento varia conforme o contexto. Ou seja, um mesmo comportamento pode desempenhar mais de uma função, ou dois comportamentos

4. No original: “Thus, not ‘things’ but functions are the essence of our perceptions; and functions, as we have seen, are not isolated magnitudes, but ‘signs representing a connection ... an infinity of possible positions of like character.”

aparentemente diferentes podem desempenhar funções similares. Evita-se, assim, uma visão tipológica que considera a linguagem de acordo com categorias abstratas, em prol de uma visão multifuncional e multimodal da linguagem.

Acerca dos itens 1.3 e 1.4 da *Pragmática* — informação, *feedback* e redundância —, Bavelas (2021) reiterou uma perspectiva interacional em vez de individual da linguagem, em que a interação comunicativa produz padrões recíprocos e repetitivos. Por exemplo, a redundância não é vista como uma fragilidade da comunicação, mas como recurso com função comunicativa. Assim, os padrões interacionais não são fixos, mas variam culturalmente. Sobre o aspecto interacional dos gestos, em vez de sentidos individualistas quanto à troca de olhar entre falante e ouvinte — que poderia sinalizar para timidez ou dominação —, a autora observou o papel dos olhares na regulação da comunicação.

A metacomunicação (item 1.5 da *Pragmática*), entendida como comunicação sobre a comunicação ou a maneira como o discurso deve ser interpretado, foi explorada por Bavelas (2021) mediante as tentativas dos interlocutores de garantir uma comunicação eficiente, o que poderia ocorrer de diferentes formas, como pedido de confirmação, pergunta, entonação diferenciada, entre outros. A autora, então, redefiniu o modelo de análise em dois níveis (*track*): nível 1, do conteúdo/informação; e nível 2, da metacomunicação, ou de como a conversa é conduzida.

Enquanto essas noções se mantiveram relativamente estáveis na revisão feita por Bavelas (2021; 2022), os axiomas foram revisados. Segue-se, então, para a revisão proposta pela autora do capítulo 2 de *Pragmática*.

Sobre a *impossibilidade de não se comunicar*, Bavelas (2021) reiterou a existência de situações de comunicação indireta indicadas em *Pragmática*, quando a comunicação direta não ocorre por algum motivo, o que não caracteriza apenas o contexto patológico: “Comunicação evasiva, contraditória ou indireta pode ser resultado de qualquer situação em que o comunicador esteja evitando uma resposta direta que teria consequências negativas”⁵ (Bavelas, 2021, p. 10, tradução livre).

Já a premissa de que *todo o comportamento é comunicação* foi contestada por Bavelas (2021), especialmente diante da impossibilidade de recobrir todas as formas de comunicação não verbal como potencialmente transmissoras de informação. A autora também contestou a suposição de que a comunicação não verbal dos sujeitos é inconsciente, o que contradiz uma abordagem relacional da linguagem, e criticou, ainda, a prática de hipotetizar pensamentos e sentimentos privados, o que deslocaria a sua atenção do comportamento observável para processos intrapsíquicos. Sobre esse conteúdo privado, Bavelas (2021, p. 11, tradução livre) afirmou: “Acho que isso não é da minha conta, a não ser que a pessoa queira me revelar”⁶.

Além disso, com o uso da tecnologia na microanálise de diálogos face a face, Bavelas (2021; 2022) tencionou a ideia de que *todo o comportamento comunica*, mediante uma análise detalhada e contrastiva que considerou o uso multimodal da linguagem. Essa perspectiva deslocou o foco da linguagem não verbal para os *gestos que acompanham a fala* (*co-speech hand gestures*). Nesse caso, a autora concluiu que os gestos operam de forma sincronizada e complementar com a fala, integrando a interação.

Outra distinção em relação ao texto original é que os gestos deixam de ser vistos como potencialmente incongruentes ou contraditórios em relação à fala, para operarem de modo suplementar. O significado do gesto que acompanha a fala é, portanto, parte integrante da comunicação e não carrega um significado separado ou intrínseco a ser decodificado. O significado desse gesto, ademais, seria pré-consciente (em vez de inconsciente), podendo ser apreendido diretamente pelos participantes do diálogo.

No que tange aos *dois níveis da comunicação, conteúdo e relacionamento*, Bavelas (2021; 2022) questionou esses níveis e defendeu, com base em suas microanálises, que os participantes não apenas compartilham informação, como também metacomunicam ao outro como receber essa informação. Os gestos podem, portanto, envolver informação ou apoio ao diálogo/à interação. Sobre os gestos, a autora garantiu: “Surpreendentemente, a maioria das expressões faciais em um diálogo não diz respeito à emoção, mas sim a como interpretar o que o falante está dizendo”⁷ (Bavelas, 2021, p. 15, tradução livre).

Em relação ao *papel da pontuação na sequenciação dos eventos*, Bavelas (2021) reafirmou esse axioma, embora tenha considerado que não se trata de um elemento da comunicação ou da interação, mas da percepção dos participantes sobre as sequências comunicativas. Essa organização dos eventos comunicativos pela pontuação teria mais a ver com a experiência, crenças, valores e expectativas dos sujeitos do que com a interação em si.

Quanto ao axioma *modalidades analógica e digital da comunicação*, Bavelas (2021) questionou a dicotomia existente na obra original de que a comunicação sobre o conteúdo seria digital (com palavras) e a comunicação sobre os relacionamentos seria analógica (não verbal). Diferentemente, a autora defendeu uma perspectiva mais integrada, em que as palavras

5. No original: “That evasive, contradictory, or circuitous communication can be the result of any situation in which the communicator is avoiding a straightforward response that would have bad consequences”.

6. No original: “I don’t think these are any of my business unless an individual wants to tell me”.

7. No original: “Surprisingly, the majority of facial expressions in dialogue are not about emotion but about how to take what the speaker is saying.”

comunicam sobre os relacionamentos e os gestos que acompanham a fala carregam conteúdo e informação. Assim, não haveria contradições entre o uso de palavras e o de gestos, mas complementação (Bavelas, 2021, p. 16, tradução livre): “Uma vez que os gestos que acompanham a fala são precisamente sincronizados com as palavras às quais estão relacionados, eles criam uma mensagem complexa e simultânea que combina elementos digitais e analógicos”⁸. Os gestos podem operar como metáforas, resumos, complementos, demonstradores ou metacomunicadores da linguagem verbal, daí a perspectiva multimodal da linguagem usada pela autora. Bavelas (2021) revelou que a linguagem analógica está conectada com a interação dialógica, diferentemente do que ocorre com os monólogos, ou seja, não é possível estudar a natureza do diálogo por meio dos indivíduos.

Por fim, o axioma *sequências de interação simétricas e complementares* trata das relações de similitude e diferença nas interações comunicativas. Os pares/sequências simétricas do diálogo ocorrem por similaridade ou paralelismo, uma espécie de espelhamento, quando, por exemplo, uma pessoa expressa uma ideia e a outra expressa uma ideia também. Já as sequências complementares se dão pela maximização da diferença, quando, por exemplo, uma pessoa expressa uma opinião e a seguinte responde com concordância ou discordância. Essa complementaridade pode ser marcada por diferentes posições sociais ou culturais, fazendo com que um comportamento evoque outro diferente, sendo ambos mutuamente compatíveis (Watzlawick et al., 1967). Um terceiro padrão pontuado por Watzlawick et al. (1967) inclui a metacomplementaridade, em que um interlocutor força ou permite que o outro esteja no controle; e a pseudossimetria, quando um força ou induz o outro a ser simétrico. As patologias seriam sinalizadas pela escalada do padrão da simetria e a rigidez do padrão da complementaridade. Bavelas (2021) não adicionou nenhuma revisão a esse axioma.

Outras diferenças sinalizadas por Bavelas (2021) incluem os capítulos 4 e 5 (sobre a organização da interação humana). A autora ajustou, por exemplo, alguns termos para fins de simplificação: escolheu usar as noções de reciprocidade e interação em vez de totalidade (*wholeness*), não somatividade (*nonsummativity*) e equifinalidade (*equifinality*), adequando o modo de compreensão da comunicação pela teoria geral dos sistemas para os contextos interacionais face a face. Essa escolha ocorreu por algumas justificativas:

- Evitar a tendência de se rotular as famílias, o que acaba definindo fronteiras, em vez de considerá-la como um sistema aberto;
- Evitar assumir a estabilidade (homeostase) como padrão, optando por focar nas mudanças que ocorrem nas famílias de tempos em tempos;
- Evitar patologizar a família com base no sintoma individual (família esquizofrênica);
- Evitar o uso da terminologia sem a devida observação dos processos;
- Evitar a tendência de culpabilizar a família, optando por avaliar os padrões de influência mútua.

Sobre os padrões de interação clínica, vale mencionar alguns resultados averiguados por Bavelas (2021; 2022) em seus experimentos e na revisão da literatura: o uso da técnica de refletir não é neutra, mas modifica em algum nível o que foi dito pelo cliente; os clientes tendem a acompanhar o conteúdo introduzido pelo/a terapeuta, seja ele positivo, seja negativo; as perguntas terapêuticas tendem a iniciar uma sequência interacional; o entendimento mútuo opera na forma de calibração sistêmica observável, composto geralmente de três etapas — o sujeito diz algo, o interlocutor sinaliza que compreendeu, o falante reconhece que o interlocutor compreendeu.

Por fim, ao mencionar os capítulos 6 e 7 e o epílogo, que tratam, respectivamente, de comunicação paradoxal, de paradoxos da psicoterapia e do existencialismo, Bavelas (2022) pareceu abandonar a terminologia do paradoxo. Ela optou pela descrição detalhada dos processos interacionais multimodais, atentando para a mútua relação entre linguagem verbal e gestos. Sua atenção sobre os gestos que coparticipam da comunicação (*co-speech gestures*) inclui uma série de exemplos, como gestos manuais, expressões faciais, mímica motora, referências figurativas e uso de linguagem figurativa. Sua hipótese é de que os gestos “resolvem um problema específico para os falantes, que é incluir seu interlocutor no diálogo e fazê-lo saber como as coisas estão — sem precisar parar e fazer isso verbalmente” (Bavelas, 2022, p. 117, tradução livre)⁹ (Quadro 1).

8. No original: “Because co-speech gestures are precisely timed with the words they are related to, they create a complex, synchronous message combining digital and analogic elements.”

9. No original: “They solve a particular problem for speakers, which is to include their addressee in the dialogue and let him or her know where things stand—without having to stop and do this verbally.”

Quadro 1. Diferenças entre *Pragmática da comunicação humana* (Watzlawick et al., 1967) e *Diálogo face a face* (Bavelas, 2021; 2022)

Tópico	Em <i>Pragmatics</i>	Em <i>Face to Face Dialogue</i>
Quadro de referências	Foco na comunicação em vez da mente	Igual
Idem	Foco na função do comportamento em vez da categoria	Igual
Idem	Foco no <i>feedback</i> e na redundância	Igual
Metacomunicação	Reconhecida	Modelo dos níveis (<i>tracks</i>) 1 e 2
Primeiro axioma	Impossibilidade de não comunicar	Depende de situações específicas
Primeiro axioma	Todo comportamento é comunicação	Substituído por gestos que acompanham a fala (<i>co-speech gestures</i>)
Segundo axioma	Níveis de conteúdo e de relacionamento; relato e comando	Estudo dos níveis 1 e 2, mais próximos de relato e comando
Terceiro axioma	Pontuação da sequência de eventos	Não estudado por ser cognitivo/perceptual, não interacional
Quarto axioma	Comunicação digital e analógica	Estudado intensamente, como mutuamente implicado
Quinto axioma	Simetria e complementaridade	Estudo iniciado, mas continuado por outros
Organização da interação humana	Teoria dos sistemas	Segue os princípios, mas com terminologia adaptada ao modelo de diálogo face a face
Comunicação paradoxal	Paradoxos pragmáticos	Foco em escolhas do tipo “ou/ou”, não em paradoxos
Paradoxos na psicoterapia	Prescrição de sintomas; duplo vínculo	Abandono da terminologia dos paradoxos. Estudo da linguagem não paradoxal na psicoterapia
Existencialismo e significado	Construtivismo cognitivo	Estudo da coconstrução nas interações momento a momento

Fonte: adaptado e traduzido de Bavelas (2021).

Para finalizar essa breve revisão da obra *Pragmática*, vale mencionar algumas críticas feitas a esse trabalho, que podem ser estendidas a Bavelas (2022): a desconsideração das mudanças históricas e situacionais dos significados e dos usos linguísticos; a dificuldade de adequar o modelo comunicacional às particularidades e singularidades das falas e conversas nas famílias e/ou em outros sistemas; e a dificuldade de se construir uma proficiência linguística terapêutica para lidar com contextos de ampla diversidade cultural e linguística (Del Rio, 2012).

Além disso, em uma perspectiva decolonial de estudos de padrões linguísticos (Pennycook & Makoni, 2019), é possível questionar a validade generalizante de um modelo de análise de padrões comunicativos cunhado no contexto clínico ocidental e do Norte global. Além disso, tanto a *Pragmática* como a revisão de Bavelas (2021) parecem desconsiderar a dimensão ambígua da linguagem e da comunicação, elementos fundamentais do modo como as línguas operam interacional e contextualmente.

AMBIGUIDADE, MULTIFUNCIONALIDADE E MULTIMODALIDADE: DIÁLOGOS COM A LINGUÍSTICA CONTEMPORÂNEA

Nesta seção, em diálogo com algumas orientações de estudos da linguagem (primeira seção) e com as revisões e críticas feitas da obra *Pragmática* (segunda seção), enfocam-se três conceitos relevantes para se compreender as práticas comunicativas interacionais: ambiguidade, multifuncionalidade e multimodalidade.

A noção de ambiguidade contribui para tensionar o conceito de comunicação paradoxal, ou *double bind* (*Pragmática*, capítulo 6), entendida como uma contradição entre o conteúdo e o comando. O sentido de comunicação paradoxal, baseado em uma lógica que transforma a ambiguidade ou ambivalência em problema, também foi, de certa forma, reiterado por Grice (1975), ao propor quatro máximas que deveriam orientar uma conversação dita cooperativa:

- A quantidade, que postula a quantidade adequada de informação, tornando-a informativa na medida adequada;
- A qualidade, que postula o compromisso com a veracidade da informação;
- A relação, que postula a relevância da conversa;
- O modo, que trata de como a comunicação se estrutura, enfatizando a importância da clareza, da concisão e da não ambiguidade do discurso.

Uma crítica a esse modelo de Grice (1975) é feita por Ameka e Terkourafi (2019), que, ao analisarem as práticas comunicativas em contextos africanos, identificaram quatro elementos opostos àqueles descritos por Grice (1975). Para eles, as práticas linguísticas deveriam ser vistas como opacas, obscuras, ambíguas, prolixas e indiretas. Percebe-se, portanto, a importância das singularidades culturais e linguísticas para uma compreensão mais ampla dos padrões interacionais, conforme o questionamento levantado por Ameka e Terkourafi (2019, p. 76, tradução livre):

*Falar “diretamente” ou de acordo com as máximas de Grice não é algo neutro, mas está culturalmente impregnado de significados e constrói identidades interacionais situadas, ocidentais ou, mais especificamente, anglófonas. E se invertêssemos a lógica? E se tomássemos, por exemplo, a ambiguidade como norma na comunicação?*¹⁰.

Tanto a noção de uma comunicação paradoxal como a de conversações cooperativas podem ser questionadas em uma visão mais alargada e complexa de interação comunicativa. Huang (2020), por exemplo, ao discorrer sobre o papel da ambiguidade nas práticas comunicativas, analisa a ambiguidade intencional como uma estratégia comunicativa eficaz, usada de forma consciente pelo falante para alcançar objetivos comunicacionais em contextos específicos. Tradicionalmente vista como erro ou obstáculo, a ambiguidade é reinterpretada por Huang (2020) na perspectiva da pragmática dinâmica, revisitando teorias como o princípio da cooperação (Grice), a polidez (Leech) e a teoria da face (Brown & Levinson). O estudo de Huang (2020) demonstra o papel plástico e flexível da ambiguidade intencional na produção de comunicação, graças à sua capacidade de transmitir significados implícitos e de se adaptar ao contexto e às relações interpessoais.

Na mesma linha de Huang (2020), Nerlich e Clarke (2001) evidenciam o uso deliberado da ambiguidade — o que eles nomeiam de ambiguação em contexto (*ambiguation in context*). Esses autores observam que falantes projetam múltiplos sentidos para atingir efeitos como humor, ironia ou ambivalência estratégica. Assim, a violação deliberada dos princípios conversacionais e da lógica não paradoxal tornaria as conversas mais envolventes, permitindo até mesmo efeitos criativos, indo além da simples clareza e transparência. À luz dessas perspectivas, os paradoxos devem ser vistos de forma relativa. Nesse sentido, alinham-se com Bavelas (2021; 2022), que opta por renunciar à terminologia *paradoxo*, optando por uma designação mais ampla, enfocada nos processos interacionais e recíprocos.

Sobre a dimensão multifuncional da linguagem, a concepção funcionalista de linguagem remonta aos trabalhos do já mencionado Jakobson, cujas ideias foram influenciadas por seu professor, o psiquiatra alemão Karl Bühler (1879–1963), especialmente sua obra intitulada *Teoria da linguagem*, de 1934. O modelo comunicacional de Bühler (2011) era composto de três elementos: o emissor, o ouvinte e o mundo, cujas respectivas funções eram expressão, chamamento e representação. Por sua vez, o conceito de comunicação adotado pelo psiquiatra estaria em consonância com o que posteriormente viria a ser o campo da cibernética:

*Bühler define comunicação em um sentido muito amplo, englobando qualquer processo de transmissão, compartilhamento ou repasse de materiais, sinais, informações ou símbolos entre um emissor e um receptor. “Cibernético” em espírito, sua definição é suficientemente ampla para abarcar a regulação da homeostase em sistemas psicofísicos, os sinais dados (e emitidos) na coordenação mútua de formigas, abelhas e pássaros, e a troca de representações linguísticas genuínas*¹¹ (McElvenny; Knobloch, 2023, p. 45, tradução livre).

O psiquiatra alemão refugiou-se nos Estados Unidos durante a Segunda Guerra, tendo atuado como professor de psiquiatria na Universidade do Sul da Califórnia (McElvenny & Knobloch, 2023). A perspectiva multifuncional da comunicação de Jakobson influenciou fortemente uma série de abordagens linguísticas e textuais da época, como a etnografia da fala de Dell Hymes (Caton, 1987).

A multifuncionalidade da linguagem supõe que um mesmo elemento linguístico pode desempenhar várias funções comunicativas simultaneamente, podendo essas funções até mesmo serem ambíguas. Essa multifuncionalidade ocorre por causa da natureza vaga, polissêmica, arbitrária e contextual da linguagem. Estudos multifuncionais tendem a considerar uma série de níveis analíticos, a exemplo do trabalho de Wiltschko et al. (2018), que considera quatro camadas de análise em seus estudos sobre a multifuncionalidade do marcador discursivo *eh* no inglês canadense (similar ao *né*, em português):

10. No original: “Speaking ‘directly’ or in accordance with the Gricean maxims is not neutral but is itself culturally imbued with meaning and constructs situated, Western, or, more narrowly Anglo-interactional identities. What if we turned the tables? What if we took ambiguity, for instance, as the norm in communication?”

11. No original: “Bühler defines communication in a very broad sense, encompassing any process of imparting, sharing, transmitting of either materials or signals, information or symbols, between a sender and a receiver. ‘Cybernetic’ in spirit, his definition is broad enough to account for the regulation of homeostasis in psycho-physical systems, for signals given (and given off) in the mutual piloting of ants, bees, and birds, and for the exchange of genuine linguistic representations”.

o sentido referencial, o contexto sintático, o contexto prosódico (entonacional) e o contexto discursivo/social. Esse exemplo analítico retrata a complexidade da língua e a sua dimensão contextual.

Já as pesquisas de Bunt (2010) mostram que não apenas os usos linguísticos, mas também o próprio diálogo pode assumir uma série de funções simultâneas, como conduzir uma tarefa, fornecer ou solicitar *feedback*, controlar turnos, gerenciar tempo e cumprir obrigações sociais. Segundo o autor, os enunciados em diálogos em geral desempenham simultaneamente duas ou três funções. Isso ocorre porque a fala normalmente envolve várias tarefas ao mesmo tempo, para além da funcional informacional.

No que tange ao papel da multimodalidade — ou das semioses não verbais na coconstrução das relações dialógicas —, retomo a expansão que Bavelas (2022) faz do quarto axioma das *modalidades analógica e digital da comunicação*. Essa expansão dialoga com os estudos de Goodwin (2000), que retratam, por meio de pesquisa experimental, como a construção da ação pela fala em interações situadas é realizada por meio da justaposição temporal de diferentes tipos de recursos semióticos, deslocando a análise do mundo interior dos sujeitos para os padrões interacionais comunicativos e simbólicos. Os sujeitos da interação utilizam a fala, a organização sequencial, a postura, o olhar, o gesto e os fenômenos do ambiente para realizar suas ações no mundo. Esses elementos complementam-se mutuamente na comunicação, em vez de serem contraditórios entre si (Goodwin, 2000).

Em direção semelhante, Norris (2004) opta pelo uso dos termos *comunicação multimodal e modos corporificados* — em sintonia com as opções feitas por Bavelas (2002) —, rompendo com uma suposta dicotomia entre comportamento verbal e não verbal. Em suas pesquisas de caráter experimental, a autora também identificou uma constante tensão e contradição entre o sistema de representação e o evento, em que os sujeitos, ao interagirem, recorrem a sistemas de representação, ao mesmo tempo que constroem, adotam e modificam esses sistemas por meio de suas ações. Em contrapartida, as ações realizadas pelos sujeitos também são mediadas pelos sistemas de representação que utilizam. Similarmente à pesquisa de Bavelas (2022), o uso de recursos tecnológicos — vídeo e gravação — propiciou a Norris (2004) uma análise detalhada dos processos comunicativos, o que não estava disponível na época de escrita da obra *Pragmática*.

A revisão do livro original feita por Bavelas (2021; 2022), ao refinar as análises clínicas experimentais das sequências comunicativas, possibilitou um ajuste conceitual, especialmente em atenção ao papel dos gestos como copartícipes do processo comunicativo e à recusa do termo *paradoxo* para definir as práticas comunicativas, optando pelo trabalho de descrição e análise dos processos interacionais face a face por meio da reciprocidade e interação como elementos norteadores.

PALAVRAS FINAIS

O artigo buscou contribuir com o diálogo entre as áreas da terapia relacional familiar e da linguística, atentando para o modo como a clínica pode ser enriquecida com estudos e abordagens de contextos não clínicos, expandindo a compreensão sobre a riqueza e complexidade da dinâmica comunicacional que integra e constitui os sistemas abertos. Atenção especial foi dada às condições de produção de *Pragmática da comunicação humana*; à revisitação e revisão crítica da obra por Bavelas (2021; 2022); e a um diálogo com estudos linguísticos contemporâneos, atentando para três conceitos relevantes no contexto da revisão (crítica) da obra *Pragmática*: ambiguidade, multifuncionalidade e multimodalidade. Com isso, tensionou-se a própria noção de paradoxo da comunicação, reconhecendo a natureza vaga, opaca, mutável, adaptativa, fluida, ambivalente e plástica da linguagem.

CONFLITO DE INTERESSE

Nada a declarar.

DECLARAÇÃO DE DISPONIBILIDADE DE DADOS

Todos os dados foram gerados/analizados no presente artigo.

FINANCIAMENTO

Não aplicável.

AGRADECIMENTOS

Agradeço ao Instituto Familiare de Florianópolis.

REFERÊNCIAS

- Ameka, F., & Terkourafi, M. (2019). What if ...? Imagining non-Western perspectives on pragmatic theory and practice. *Journal of Pragmatics*, 145, 72-82. <https://doi.org/10.1016/j.pragma.2019.04.001>
- Bateson, G., Jackson, D. D., Haley, J., & Weakland, J. H. (1956). Toward a theory of schizophrenia. *Behavioral Science*, 1(4), 251-264. <https://doi.org/10.1002/bs.3830010402>
- Bavelas, J. B. (2007). Writings with Paul. *Journal of Marital and Family Therapy*, 33(3), 295-297. <https://doi.org/10.1111/j.1752-0606.2007.00027.x>
- Bavelas, J. B. (2021). Pragmatics of human communication: 50 years later. *Journal of Systemic Therapies*, 40(2), 3-25. <https://doi.org/10.1521/jsyt.2021.40.2.3>
- Bavelas, J. B. (2022). *Face-to-face dialogue: Theory, research, and applications*. Oxford University Press.
- Bühler, K. (2011). *Theory of language: The representational function of language*. Trans. Donald Fraser Goodwin. Benjamins.
- Bunt, H. C. (2010). Multifunctionality in dialogue and its interpretation. *Computer Speech & Language*, 25(2), 222-245. <https://doi.org/10.1016/j.csl.2010.04.006>
- Burge, T. (2001). Paul Grice. In E. N. Zalta (Ed.), *The Stanford Encyclopedia of Philosophy*. Stanford University. Recuperado de <https://plato.stanford.edu/entries/grice/>
- Caton, S. C. (1987). Contributions of Roman Jakobson. *Annual Review of Anthropology*, 16, 223-260. <https://doi.org/10.1146/annurev.an.16.100187.001255>
- Chomsky, N. (1965). *Cartesian linguistics*. Harper and Row.
- Del Rio, C. M. (2012). Book review: *Pragmatics of human communication: A study of interactional patterns, pathologies, and paradoxes*. *The Family Journal*, 20(3), 342-344. <https://doi.org/10.1177/1066480712449802>
- Elias, C. M. (2019). Watzlawick, Paul. In J. L. Lebow, A. L. Chambers & D. C. Breunlin (Eds.), *Encyclopedia of Couple and Family Therapy* (pp. 3143-3144). Springer.
- Fishman, J. (1990). What is reversing language shift (RLS) and how can it succeed? *Journal of Multilingual and Multicultural Development*, 11(1-2), 5-36. <https://doi.org/10.1080/01434632.1990.9994399>
- Glock, H.-J., & Kalhat, J. (2018). Linguistic turn. *Routledge Encyclopedia of Philosophy* (Vol. 1). Taylor & Francis. <https://doi.org/10.4324/0123456789-DD3600-1>
- Goodwin, C. (2000). Action and embodiment within situated human interaction. *Journal of Pragmatics*, 32(10), 1489-1522. [https://doi.org/10.1016/S0378-2166\(99\)00096-X](https://doi.org/10.1016/S0378-2166(99)00096-X)
- Grice, H. P. (1975). Logic and conversation. In P. Cole & J. Morgan (Eds.), *Studies in syntax and semantics III: Speech acts* (pp. 183-198). Academic Press.
- Huang, R. (2020). A study of intentional ambiguity from the perspective of pragmatics. *Open Access Library Journal*, 7(3), 1-10. <https://doi.org/10.4236/oalib.1106182>
- Hymes, D. H. (1967). Models of the interaction of language and social setting. *Journal of Social Issues*, 23(2), 8-38. <https://doi.org/10.1111/j.1540-4560.1967.tb00572.x>
- Hymes, D. (1974). *Foundations in sociolinguistics: An ethnographic approach*. University of Pennsylvania Press.
- Jackson, D. D. (Ed.). (1968a). *Communication, family and marriage* (Human communication, Vol. 1). Science & Behavior Books.

- Jackson, D. D. (Ed.). (1968b). *Therapy, communication and change* (Human communication, Vol. 2). Science & Behavior Books.
- Jakobson, R. (1960). Linguistics and poetics. In T. Sebeok (Ed.), *Style in language* (pp. 350-377). Massachusetts Institute of Technology Press.
- McElvenny, J., & Knobloch, C. (2023). From *Sprachtheorie* to semantics and cybernetics: Karl Bühler's "Pocketbook on practical semantics". *Language & Communication*, 93(251), 39-54. <https://doi.org/10.1515/sem-2022-0046>
- Nerlich, B., & Clarke, D. D. (2001). Ambiguities we live by: Towards a pragmatics of polysemy. *Journal of Pragmatics*, 33(1), 1-20. [https://doi.org/10.1016/S0378-2166\(99\)00132-0](https://doi.org/10.1016/S0378-2166(99)00132-0)
- Norris, S. (2004). *Analyzing multimodal interaction: A methodological framework*. Routledge.
- Pennycook, A., & Makoni, S. (2019). *Innovations and challenges in applied linguistics from the Global South*. Routledge.
- Pickens, J. (2019). Beavin, Janet. In J. L. Lebow, A. L. Chambers & D. C. Breunlin (Eds.), *Encyclopedia of Couple and Family Therapy* (pp. 223-225). Springer.
- Severo, C. G., & Görski, E. (2023). Sociologia da linguagem e sua relação com a macro e a microsociolinguística. *Fórum Linguístico*, 20(4), 9028-9042. <https://doi.org/10.5007/1984-8412.2023.e92717>
- Watzlawick, P., Bavelas, J. B., & Jackson, D. D. (1967). *Pragmatics of human communication: A study of interactional patterns, pathologies, and paradoxes*. W. W. Norton & Company.
- Watzlawick, P., Beavin, J. H., & Jackson, D. D. (1973). *Pragmática da comunicação humana: um estudo dos padrões, patologias e paradoxos da interação* (Trans. A. Cabral). Cultrix.
- Wiltschko, M., Denis, D., & D'Arcy, A. (2018). Deconstructing variation in pragmatic function: A transdisciplinary case study. *Language in Society*, 47(4), 569-599. <https://doi.org/10.1017/S004740451800057X>